Dossiê: História das Mulheres, Gênero e Interseccionalidades

# MULHERES, EDUCAÇÃO NÃO FORMAL E O NOVO TRADICIONAL: FEMININO E FEMINISMO NAS ENCICLOPÉDIAS DA ABRIL CULTURAL (1967-1981)

# WOMEN, NON-FORMAL EDUCATION AND THE NEW TRADITIONAL: THE FEMININE AND FEMINISM IN THE ABRIL CULTURAL'S ENCYCLOPEDIAS (1967-1981)

Débora Pinguello Morgado[1]

**RESUMO:** As enciclopédias da Abril Cultural abordaram assuntos voltados para a família, incluindo uma forma de educação não formal de mulheres. Buscaram conduzir o trabalho feminino no rol das domesticidades e na construção da "mulher moderna", além de integrar sua leitora a questões como o feminismo. A partir do estudo dessas publicações, objetiva-se discutir, no âmbito da História das Mulheres e da História do Tempo Presente, o uso do conceito de modernidade a partir da apropriação de visões de mundo tradicionais pelas enciclopédias na educação feminina.
**Palavras-chave:** Abril Cultural. Domesticidades. Modernização. Educação não formal. Feminismo.

**ABSTRACT:** Abril Cultural's encyclopedias addressed family-oriented issues, including a form of non-formal education for women. They sought to lead women's work in the role of domesticities and in the construction of the "modern woman", in addition to integrating their reader to issues such as feminism. Based on the study of these publications, the aim is to discuss, in the context of the History of Women and the History of the Present Time, the use of the concept of modernity based on the appropriation of traditional world views by encyclopedias in female education.
**Keywords:** Abril Cultural. Domesticities. Modernization. Non-formal education. Feminism.



*Introdução*

As décadas de 1960 e 1970 foram marcadas, no Brasil, pelo avanço da industrialização e dos meios de comunicação dentro de um contexto autoritário e de implantação de um projeto modernizador para a sociedade brasileira. Na ótica de Almeida e Weis (2007), a dinâmica política do regime e a modernização pelo consumo que ocorreu no período modificaram a vida privada e as

[1] Doutoranda em História - Programa de Pós-graduação em História - Departamento de História - Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC/PPGH - Brasil. Professora do Instituto de Artes e Design - UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF/IAD - Brasil. Juiz de Fora - MG - Brasil. E-mail: deborapmorgado@hotmail.com

experiências cotidianas, principalmente em relação às famílias das classes médias. Nesse sentido, os meios de comunicação a partir da emergência de uma indústria cultural no país tiveram papel fundamental ao incidir sobre o comportamento e as formas de consumo de homens e mulheres.

O crescimento e consolidação da indústria cultural no decorrer do século XX dependeu dos recursos da linguagem, utilizando de forma evidente os conhecimentos produzidos nos campos da psicologia e da semiótica que foram aplicados em produtos, publicidades e nas mídias impressas e audiovisuais. A multiplicação das normas de conduta, dos espaços de sociabilidades e das mídias informativas aumentou a preocupação com a construção de si e com a percepção do outro, de tal modo que, como aponta Revel (1991), o corpo passou a se tornar cada vez mais refém das boas maneiras, movimento que recaiu e recai mais notadamente sobre as mulheres.

Nesse cenário, tem destaque no Brasil as publicações da Editora Abril, especialmente aquelas realizadas sob a marca Abril Cultural cuja existência se deu de 1966 a 1982 e que foi criada para viabilizar um projeto de democratização da cultura e modernização do país, conforme indicado por seus idealizadores (PEREIRA, 2005). A Abril Cultural publicou diversas coleções vendidas em fascículos e que formavam livros, enciclopédias e coleções de discos; os assuntos, apesar de variados, tinham como intenção levar às famílias os modelos de vida considerados ideais e baseados no *american way of life*. Para as mulheres, as coleções que formavam enciclopédias publicaram assuntos como os trabalhos manuais femininos, beleza, saúde, decoração, culinária, sexo e maternidade, temas que compõem a categoria de domesticidades segundo Heynen (2005), além de trazer conteúdo acerca das discussões feministas.



Nos discursos das enciclopédias, percebe-se a preocupação com a construção de uma mulher moderna, essa que é apresentada como consumidora dos novos produtos decorativos, culinários e estéticos, que cuida da casa e da família e que vê o trabalho apenas como um recurso menor e complementar à renda masculina. Além dos papéis de gênero fomentados por essas publicações, questões de classe e raça também são postas a partir de imagens que colocam a mulher branca em posição de patroa e a mulher negra em posição de empregada. São aspectos percebidos que conferem a esse projeto

modernizador um caráter tradicional e que remete à sociedade brasileira escravocrata.

As enciclopédias da Abril Cultural, a partir do exposto, são pensadas por este texto enquanto manuais de civilidade que educam, a partir de um caráter não formal, para a execução dos papéis masculinos e femininos e que também são atravessados por questões de classe e raça. Para Gohn (2006, p. 28) entre os aspectos que constitui a educação não formal estão "*a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor*" e a educação desenvolvida pelas mídias. A percepção das enciclopédias Abril Cultural enquanto materiais educativos é ainda reforçada pelos conteúdos escolares e de conhecimentos gerais e específicos que tornou, muitas das coleções, em referências para professores e estudantes de todas as idades (NOGUEIRA, 2018). Ainda, a encadernação em capa dura com letras e arabescos dourados revestiam as enciclopédias de autoridade.



Mobilizando a História do Tempo Presente e seus métodos e uma bibliografia inserida no campo dos estudos de gênero e da História das Mulheres, este texto buscará compreender as temporalidades que incidem sobre a noção de novo e moderno como prescrições às mulheres brancas de classe média. Será ainda observado como o discurso presente nesses materiais educativos apresenta as mudanças de comportamento e de pautas ocorridas do final da década de 1960 para o final da década posterior, abordando questões referentes ao sexo e ao feminismo. O texto parte da análise de ideias, trechos e prefácios de *Bom Apetite* (1967); *Mãos de Ouro* (1967); *Trabalhos Maravilhosos* (1968); *Enciclopédia da Mulher* (1973); *Amar: a realidade da vida sexual* (1977); *Vida Íntima* (1980) e *Dicionário da Vida Sexual* (1981), enciclopédias que promoveram um diálogo mais aproximado com suas leitoras e que apresentaram um conteúdo representativo das demais enciclopédias femininas lançadas pela Abril Cultural.

## *As enciclopédias Abril Cultural e seu projeto modernizador*

Comprometida com um projeto modernizador, a Editora Abril ganhou destaque no cenário nacional ao segmentar suas publicações a partir de públicos específicos, ampliando a venda de produtos culturais. Esse movimento é percebido no lançamento de revistas como *Claudia* (1961) e *Quatro Rodas* (1960). A segmentação do mercado de produtos culturais destacou a Editora Abril em relação às demais editoras do período (MIRA, 2001). A iminência de uma indústria cultural seccionada, como foi o caso da Abril, está em consonância com o próprio crescimento da indústria de bens de consumo que, a partir de novas necessidades dos grupos emergentes, é capaz de expandir a sua produção, tendo como principal aliada a publicidade (ARRUDA, 2015). Ao analisar o investimento em publicidades de empresas atuantes no Brasil no ano de 1976, Arruda (2015) ressalta o nome da Editora Abril como a única empresa do ramo de comunicações a estar presente na lista das vinte empresas que mais investiram em propaganda naquele ano, ocupando o terceiro lugar do *ranking*. Acerca desse dado, a autora indica que:



> primeiro, a empresa anuncia em seus próprios veículos, [...] segundo, trata-se de uma organização que atingiu uma variedade sem precedentes em termos de mercado editorial, apontando para uma tendência monopolista e para o desenvolvimento de uma produção específica no âmbito da indústria cultural (ARRUDA, 2015, p. 163).

A "*tendência monopolista*" da Editora Abril foi o caráter que permitiu à editora, por meio de várias linhas de produtos, atuar na homogeneização dos valores e dos gostos das classes médias, grupos que são definidos, de acordo com Salata (2015), mais por sua identidade e ideologia que pelo poder aquisitivo e renda mensal. A partir de concepções éticas e estéticas, é possível afirmar que a Editora Abril ajudou a constituir no Brasil uma cultura política baseada na ideia de consumo e industrialização como ferramentas modernizadoras, atuando para a despolitização ao pensar as escolhas de consumo como movimentos do campo da liberdade individual.

Além das revistas, a partir de 1965 a editora passou a atuar no ramo de coleções vendidas em fascículos e que se transformavam em livros, coleções ou enciclopédias, tendo como base também a segmentação do público. Com o propósito de garantir à família um passaporte para o conhecimento, organizado

e sistematizado a fim de modernizar o país, as enciclopédias foram idealizadas a partir da concepção de uma ampla acessibilidade, encarada como uma "*democratização do conhecimento*" (PEREIRA, 2005, p. 249). Assim, eram vendidas primeiramente em fascículos semanais nas bancas de jornal e, ao fim da coleção, que poderia levar meses e até anos para ser finalizada, o leitor ou a leitora levava seus fascículos até a banca que enviava a um encadernador. Essa formatação de vendas surgiu na italiana Fratelli Fabbri Editori, editora que foi responsável por criar e vender os direitos de muitas das enciclopédias veiculadas no Brasil pela Abril Cultural.

Os fascículos Abril Cultural buscaram dar conta de uma série de assuntos, entre os quais a religião cristã, o conhecimento científico e escolar, as artes, a literatura, a saúde, os trabalhos domésticos, a vida sexual entre outros. A primeira coleção foi *A Bíblia Mais Bela do Mundo* (1965), publicada ainda sob a marca Abril. Dado o sucesso de vendas, criou-se a divisão Abril Cultural em 1966 que ficou responsável pelo setor de coleções até o ano de 1982 quando a marca foi dissolvida e o setor passou a ser coordenado pela Editora Nova Cultural. Dos quase duzentos títulos lançados entre 1965 e 1982, 43 foram dedicados ao público feminino de forma direta ou indireta. Os assuntos abordados se dividiram entre culinária, trabalhos manuais de linha e agulha, saúde, sexo, casamento e maternidade, jardinagem e decoração, conteúdos que compõem o rol das domesticidades, categoria historicamente vinculada ao feminino (HEYNEN, 2005).



Heynen (2005), ao discutir sobre gênero e modernização em relação aos espaços públicos e privados, indica que o conceito de moderno, durante o século XIX, esteve vinculado aos homens por ser encarado como reflexo do novo, das aventuras e da exploração do mundo público. No caso das mulheres, destinadas pela sociedade oitocentista aos espaços domésticos, o vínculo ao tradicional deveria ser mantido, conservando comportamentos de respeito e submissão à figura masculina do pai ou esposo. Já no século XX, conforme Araújo (2011), na esteira do crescimento industrial, a ideia de modernização passa a ser encarada enquanto um projeto social e cultural mais abrangente e, assim, a atingir a toda a família por meio de uma ética de consumo veiculada pela indústria cultural.

A partir do avanço da industrialização e da emergência de uma indústria cultural no Brasil, de acordo com Ortiz (1991), as décadas de 1960 e 1970 foram definidas como períodos de consolidação do mercado de bens culturais. Após o golpe de 1964, as medidas de industrialização e internacionalização do capital foram avançadas em relação aos governos anteriores e, ao promoverem o crescimento do parque industrial brasileiro, alavancaram também a produção de conteúdo cultural veiculado em diversas mídias. Nesse contexto, a ideologia da modernização se colocava como um dever nos âmbitos político, econômico e cultural e tinha como base o progresso a partir da industrialização e do consumo de objetos e bens culturais. O estilo de vida norte americano, encarado como moderno, foi projetado e prestigiado nas páginas dos meios de comunicação impressos do Brasil, especialmente nas revistas femininas ao buscarem conduzir o comportamento de mulheres a partir de uma visão de mundo vinculada ao consumo como fonte de progresso e modernização.

Fico (2017) observa a carga ideológica atrelada ao conceito de modernização, tornando-o um parâmetro de distinção positiva em relação ao passado e um sinalizador do progresso inscrito em um pensamento evolucionista da sociedade. A modernização, portanto, acontece nas sociedades industriais que, quanto mais industrializadas, mais reforçam as características “modernas” que são a régua para definir o melhor e o pior nos termos de uma linha evolutiva. É nesse sentido que a modernização, a partir da ideia de democratização da cultura e por meio da indústria cultural, esteve relacionada à promessa de uma vida melhor. A partir desses valores, os meios de comunicação podem educar as visões de mundo e distanciar seus leitores de uma reflexão mais crítica e complexa (ZUIN, 2001).



A educação e a reafirmação de *status* das classes médias, de acordo com Bell e Hollows (2005), acontecem em virtude das representações contidas nas mídias de estilo de vida, ou seja, nos meios de comunicação idealizados da classe média para ela mesma. Compreender o papel educativo dos produtos da indústria cultural, e neste caso das enciclopédias Abril Cultural que se apresentaram enquanto manuais para uma “vida moderna”, é fundamental na observação de como se constituem os gostos de classe e as distinções simbólicas, amplamente divulgadas pelas imagens no mundo moderno. Ao

mobilizar conceitos relacionados ao novo que criam e difundem valores, as mídias podem atuar em um campo de homogeneização, de tal modo que o espaço para o desviante se torna restrito e mal visto (BOURDIEU, 2003). Nesse sentido, os assuntos abordados nas enciclopédias da Abril Cultural e a forma como foram apresentados estavam em consonância à instigação de um consumo de tipo estratégico, ou seja, aquele que visa fornecer, como indica Certeau (1998), as formas rígidas e esperadas com as quais homens e mulheres se colocam no mundo.

*Enciclopédias femininas: educação para a vida doméstica*

Para a Editora Abril e seu projeto de enciclopédias, as mulheres possuíam um papel de destaque ao prover os cuidados com a família, instituição encarada como agente fundamental na construção de um país moderno uma vez que era consumidora de bens e serviços (ARAÚJO, 2011) e que constituía um dos pilares da cultura política do país (MOTTA, 2018). Nesse sentido, as enciclopédias femininas buscavam educar tanto o comportamento quanto as práticas de consumo, apresentando listas de itens indispensáveis à culinária, decoração, etiqueta à mesa, trabalhos manuais, maternidade, saúde e beleza.



Entre 1967 até meados da década seguinte, as enciclopédias femininas ocuparam-se principalmente dos trabalhos manuais e da culinária. A partir de 1975 alguns títulos começaram a trazer assuntos inéditos para aquelas publicações, como o sexo, a revolução sexual e o feminismo. As publicações de trabalhos manuais que até o momento possuíam textos de caráter intimista e, de certa forma, “conversavam” com suas leitoras, passaram a se dedicar apenas às receitas dos trabalhos, sem nenhum tipo de comentário ou introduções. Tanto nas enciclopédias voltadas para a atuação da mulher em casa quanto nas que tratavam de sexo e de novos temas, a ideia de uma mulher moderna que lia aqueles conteúdos sempre esteve presente. Nelas, as concepções de moderno e modernidade vinham carregadas de tradições acerca dos papéis da mulher na sociedade.

No ano de 1973 é publicada a *Enciclopédia da Mulher*, que parece estar no ponto de transição entre as enciclopédias feitas para a "dona de casa" e as direcionadas para uma mulher mais "emancipada", ainda que alguns discursos presentes na publicação, como a ida da mulher ao mercado de trabalho, estejam subordinados à devoção ao lar e à família. O prefácio da *Enciclopédia da Mulher* assinado por Victor Civita é significativo acerca das recomendações da Abril Cultural para a "mulher moderna":

> Em outubro de 1961, a ABRIL lançou o primeiro número de uma revista dedicada ao público feminino. Seu nome: CLAUDIA. Na ocasião, dissemos que ela havia sido criado para tornar-se a melhor amiga de todas as brasileiras modernas e inteligentes. [...]
> Aproveitando a grande experiência de CLAUDIA e atendendo ao crescente desejo de atualização das brasileiras, estamos lançando essa ENCICLOPÉDIA DA MULHER. A coleção propõe-se oferecer às leitoras tudo o que elas precisam **conhecer sobre o seu papel na sociedade e o seu pequeno-grande mundo: o lar.** Vamos ajudá-la na educação e na saúde da família; torná-las mais belas e elegantes; atualizá-las com o tempo em que vivemos; ensiná-las a economizar; resolver dúvidas quanto a seus direitos na sociedade; sugerir soluções para problemas de decoração e construção. Enfim, enriquecer seu mundo com informações atuais e abundantes (CIVITA, 1973, v. 1, p. 1, grifo nosso).



Derivada da revista *Claudia*, a *Enciclopédia da Mulher*, por meio do prefácio de Victor Civita, confere valor ao conteúdo apresentado e à sua leitora ao identificá-las enquanto "*modernas e inteligentes*". Conforme Pinsky (2018), trata-se de um recurso de linguagem muito comum nos periódicos femininos do século XX e que consiste no uso de adjetivos, expressões e frases que criam valor e aproximação a fim de ampliar a aceitação dos discursos presentes nas publicações. A noção de mulher moderna que se lê no texto da enciclopédia referencia os ideais de futuro que atravessavam a Editora Abril e o Brasil do período, comprometidos com uma modernização conservadora (ORTIZ, 1991) na qual o progresso material pautado na economia liberal não acompanha a liberalização dos costumes. O prefácio também trata de apresentar todos os assuntos que compõem o "*pequeno-grande mundo*" feminino e que está de acordo com a categoria de domesticidades discutida por Heynen (2005). A modernização desse mundo consiste em operá-lo a partir da eficiência das

máquinas e, com isso, desfrutar de tempo e condições de higiene para cuidar da saúde e da beleza.

Lançada em 1967, *Mãos de Ouro* também direciona o seu prefácio para a "*mulher moderna*" a partir das realizações no lar com os trabalhos de linha e agulha:

> MÃOS DE OURO é uma obra necessária, pronta a ajudar a mulher moderna a elaborar trabalhos que lhe proporcionarão a satisfação íntima de dizer "fui eu que fiz", que lhe granjearão a admiração geral e lhe darão possibilidade de idealizar e criar peças valiosas para equilibrar o orçamento familiar. [...] Temos certeza que MÃOS DE OURO [...] ajudará eficientemente a mulher a viver melhor (CIVITA, 1967, v. 1, p. 1).

No trecho apresentado a característica moderna da mulher leitora está relacionada à ideia de satisfação na boa execução das atividades manuais e aos elogios que poderiam receber ao expor seus trabalhos pela casa. Pensar os bordados, o corte e a costura como tarefas que garantem a realização pessoal da mulher, conforme Frasquete e Simili (2017, p. 279), reafirma a "*imagem da mulher dócil, subordinada, hábil com trabalhos minuciosos, características ensinadas às meninas como sinônimos de feminilidade, ou seja, características que para o período estavam indissociáveis à ideia de trabalho feminino.*".



A realização das mulheres por meio dos trabalhos considerados femininos e também através da admiração do outro são fatores que atravessam as receitas de trabalhos manuais e culinárias e as diretrizes de decoração, moda e embelezamento dentro das enciclopédias. Na veiculação desses conteúdos, o olhar alheio é apresentado enquanto fundamental para validar positivamente a vida das mulheres e as suas ações, consideradas mais ou menos femininas ao se aproximar ou se afastar das normas prescritas. Em *Mãos de Ouro* (1967) e em *Trabalhos Maravilhosos* (1968), a leitora é constantemente direcionada a colocar em prova suas habilidades presenteando a família e os amigos com um de seus trabalhos ou convidando amigos para jantar, momento de exibir as toalhas de mesa como indicado no trecho a seguir:

> Já dissemos muitas vêzes que se nota a personalidade da dona de casa através dos detalhes. Para dizer a verdade, toalha de mesa não é detalhe de pouca importância, bem pelo contrário.

> As pessoas que forem comer à sua mesa pela primeira vez, mesmo não tendo uma intuição psicológica apurada, logo vão ter uma idéia geral do tipo de mulher que você é (TRABALHOS Maravilhosos, 1968, v. 2, p. 349).

A relevância das toalhas de mesa enquanto fontes diagnósticas da personalidade da mulher dona de casa é apresentada também em outra receita de bordado para toalha de mesa na enciclopédia *Trabalhos Maravilhosos*:

> Só falta os convidados chegarem. A dona de casa preparou um ótimo jantar. Uma última olhada: a mesa arrumada com gôsto e carinho, as flôres dispostas no centro e a toalha que por si só é um verdadeiro buquê.
> Êste é pequeno episódio que você vive sempre que recebe seus amigos para jantar. Orgulha-se de ver que tudo está perfeito. Há porém uma coisa que a envaidece ainda mais: é a toalha que você fez especialmente para essa ocasião. E se você gosta de apresentar sempre novidades para suas amigas, antes do próximo jantar, prepare uma nova toalha, que será, certamente, notada por todos que têm bom gôsto e sabem apreciar sua habilidade e capricho (TRABALHOS Maravilhosos, 1968, v. 1, p. 101).



Ao produzir um estudo acerca da relação entre gênero e artefatos no século XIX, Carvalho (2008) diferencia o vínculo que mulheres e homens estabelecem com os seus artefatos e entende que, no caso das mulheres, há uma ligação centrífuga na qual os objetos se imiscuem ao corpo e à personalidade feminina. Percebe-se, nas enciclopédias da Abril Cultural, uma permanência dessa forma íntima de aproximação entre mulheres e os objetos da casa de tal modo que uma instância passe a ser extensão da outra, formando um só corpo. A construção de si enquanto mulher zelosa a partir de toalhas de mesa e outros artefatos adentra, conforme Douglas e Isherwood (2006), uma dimensão de naturalidade em que, mesmo que fora de um contexto no qual a mulher apresente sua casa bem arrumada, ela ainda é vista como zelosa ao ter construído essa personalidade para si repetidamente ao longo do tempo.

O exercício de repetir atitudes para se constituir está também relacionado à repetição de normas pelos manuais civilizatórios. No processo informal de reprodução dos comportamentos, cria-se uma condição de suposta naturalidade que perdura temporalmente e que atravessa e é atravessada por múltiplas temporalidades, movimentos de estratificação do tempo que, de acordo com

Koselleck (2014), garantem a permanência das práticas ainda que transformadas por novos aspectos. A percepção de algo como "natural", no caso a forma esperada como mulheres devem se comportar, a partir da repetição informal é incorporada na formalidade e veiculada em manuais, revistas, enciclopédias, escolas e, mais recentemente, nos meios digitais e redes sociais (SANTOS, 2019).

No prefácio de *Mãos de Ouro*, o condicionamento da mulher ao lar é ainda percebido quando se lê que a enciclopédia permite a "*possibilidade de idealizar e criar peças valiosas para equilibrar o orçamento familiar.*". A ideia de equilibrar o orçamento ou complementar a renda da família está atrelada à noção de que o sustento principal do lar deve ser proveniente do homem e, caso a mulher queira trabalhar, sua renda não deve superar a do esposo. Além do salário como complemento, o trabalho proposto pela enciclopédia é um dos trabalhos historicamente pensados enquanto femininos e que pode ser realizado sem sair de casa, de modo que as posições tradicionais de homens e mulheres possam permanecer. É necessário notar, ainda, que a mulher que pode ficar em casa e fazer trabalhos que lhe garantam uma renda pequena não está na mesma posição social daquelas cujas famílias dependem do trabalho e da renda da mulher para a sobrevivência. Enquanto as mulheres da classe operária saiam de casa para trabalhar, especialmente nas indústrias de têxtil e confecção (MALERONKA, 2007), as mulheres das classes médias podiam desfrutar do trabalho como opção.



Um artigo da *Enciclopédia da Mulher* (1973, v. 2, p. 558-559) intitulado "*Vantagens da mulher que trabalha*" entende que, ao optar por trabalhar fora, a mulher pode melhorar a sua autoconfiança, ter mais "*autonomia, maturidade e cultura*", relacionando-se melhor com sua família. Apesar do título sugerir que o texto tratará das vantagens, as desvantagens estão mais presentes que os aspectos positivos no texto. Ao listar os problemas, o artigo compara o trabalho doméstico ao trabalho fora de casa mostrando como as relações externas podem ser mais difíceis:

> Enquanto a rotina doméstica comporta grande margem de disponibilidade de horários [...] no trabalho tudo muda de figura: raramente as coisas podem ficar para "depois". [...] No lar, a

> mulher é responsável no que diz respeito ao marido, aos filhos e à casa. E é tudo feito com base numa relação afetiva e de tolerância. Já no trabalho há um contrato a ser respeitado [...]. Se o desempenho não for satisfatório, a mulher tem que arcar com as consequências do desprestígio pessoal e até com o desemprego (ENCICLOPÉDIA da Mulher, v. 2, p. 559).

O trecho citado parece desmotivar a mulher comparando o trabalho doméstico, que de acordo com a enciclopédia é sempre realizado em um ambiente saudável e sem grandes cobranças à mulher, ao trabalho fora de casa, este que pode levar ao desprestígio pessoal. As situações difíceis vividas por homens em seus empregos não são argumentos utilizados para que eles repensem a decisão de trabalhar fora de casa, pois são condições vistas como naturais aos homens. No caso da mulher, o argumento acerca do desprestígio pessoal é significativo uma vez que as mulheres são direcionadas a encontrar no olhar do outro e no julgamento alheio os juízos que validam a sua experiência de vida enquanto feminina, o que torna o desprestígio mais penoso às mulheres que aos homens. A imagem que vem junto ao texto tem um papel simbólico importante em relação a esse aspecto ao mostrar uma mulher branca e loira sentada em um escritório, debruçada sobre o que seria sua bancada de trabalho, vestindo uma roupa profissional e, ao mesmo tempo, um par de luvas de boxe, evidenciando um caráter “guerreiro”: para essa mulher, trabalhar fora é uma luta.



> Embora o homem inseguro tema a independência econômica da mulher, cabe a ela tranquilizá-lo, mostrando as reais vantagens que a decisão trará ao casal. Com o tempo e a segurança obtida na convivência do casamento, raros são os maridos que continuam a se opor a qualquer espécie de trabalho. De qualquer forma, se o trabalho remunerado for inadmissível no conceito do marido, ainda resta à mulher a possibilidade de prestação de trabalhos assistenciais. E, se o problema for trabalhar fora de casa, existem muitas tarefas que podem ser realizadas dentro do próprio lar. Tudo dependerá da força de vontade da mulher que, desejando trabalhar, sempre conseguirá dar um jeitinho para isso, não ferindo a vaidade masculina, nem prejudicando a educação dos filhos (ENCICLOPÉDIA da Mulher, v. 2, p. 559).

No início do excerto acima apresentado, a enciclopédia avalia que o trabalho fora de casa pode ser vantajoso para o casal uma vez que essa vantagem também se refletiria em uma melhora nas aptidões para a execução

de atividades que são consideradas femininas, como cuidar dos filhos. Se ainda assim o marido não aceitar que a mulher traga alguma renda para a casa, a publicação sugere a realização de trabalhos assistenciais que, geralmente, são realizados de forma voluntária e envolvem atividades de cuidado. Rago (2018) indica que as funções relacionadas ao cuidar são bem vistas às mulheres, pois se aproximam das práticas entendidas como naturalmente femininas e que corroboram com a aceitação de profissões como as de enfermeiras e professoras. Por fim, o texto indica que se o marido não aceita que a mulher saia de casa, que ela busque não ferir a vaidade do homem e encontre um "*jeitinho*" de realizar uma atividade dentro de casa, como aqueles ensinados pelas enciclopédias *Mãos de Ouro* e *Trabalhos Maravilhosos*. Fica evidente que a prioridade da mulher, para a publicação, é o cuidado com os filhos e o lar e, com ou sem trabalho externo, essa é uma atividade feminina da qual não se pode abrir mão.

A mulher leitora e consumidora das enciclopédias Abril Cultural, ao menos em relação ao campo da emissão dos enunciados pela editora, compõe um grupo de mulheres de classe média para as quais o trabalho é uma opção. A enciclopédia *Bom Apetite*, em muitos momentos ao trazer conteúdo sobre etiqueta à mesa e ao servir, reforça essa condição de classe de seu público apresentando ainda outro elemento: os serviços de uma empregada doméstica que está presente, por exemplo, no dia em que a dona de casa oferece um jantar a alguns convidados:



> Depois da chegada das visitas, quando se começa a servir o jantar, é importante, também neste momento, não se afobar. Mesmo que a comida demore um pouco para chegar da cozinha, não chame a atenção da empregada e, sobretudo, lembre-se de nunca fazê-lo diante dos convidados (BOM Apetite, 1968, v. 2, p. 400).

Em nenhum momento *Bom Apetite* fala sobre a decisão de se contratar uma empregada, ao invés disso, a enciclopédia já coloca a empregada como parte do enredo familiar. Além dos momentos em que as empregadas são citadas, a sua presença pode ser também identificada na ausência de lições sobre os cuidados domésticos mais pesados em publicações como a

*Enciclopédia da Mulher* que tem como um de seus objetivos ajudar a dona de casa com as tarefas domésticas. As práticas culinárias, de decoração e artesanatos são valorizadas pelas enciclopédias que se utilizam da comparação dessas atividades com a arte, criando, assim, símbolos de distinção. Já os trabalhos mais braçais são relacionados à pobreza e, por isso, silenciados nas publicações da Abril Cultural. Segundo Silva (1998) esta distinção social está enraizada no regime escravocrata do século XIX em que as mulheres brancas e ricas eram vistas como superiores e, ao mesmo tempo, frágeis, o que as impedia de realizar serviços pesados. Assim, as mulheres da elite se ocupavam em ficar dando ordens às mulheres escravizadas que realizavam todo tipo de serviço.

No deslocamento da noção europeia de modernidade para o Brasil no século XIX há a transposição dos ideais liberais e burgueses para uma sociedade que era ainda escravocrata, ou seja, local no qual o liberalismo econômico não poderia de fato acontecer. É nesse sentido que Ortiz (1991) entende que no Brasil a ideologia chegou primeiro e sem a realização de seu projeto liberal. Dessa forma, os discursos de modernização vão sendo apropriados pela sociedade brasileira e ressignificados dentro de um contexto de permanência e manutenção das práticas senhoris, que por fim são naturalizadas a partir da repetição e da inclusão em uma longa duração.



Nesse processo de naturalização das práticas, as imagens tem papel fundamental ao se constituírem enquanto representações de aspectos socioculturais já existentes, fator que garante a compreensão da imagem produzida para além de seus produtores. A imagem comunica então por meio da semelhança, vestígios e convenções sociais, o que a torna uma linguagem complexa e que evoca forte engajamento (JOLY, 2007). Em todas as enciclopédias femininas as imagens de mulheres negras estão ausentes, de modo que as posições das mulheres belas, na moda e das donas de casa modernas são ocupadas pela mulher branca e com traços europeus, pois a maior parte das fotografias não foram trocadas no processo de adaptação das enciclopédias italianas para as versões brasileiras.

As representações que fazem referência a mulheres negras em imagens foram encontradas em dois momentos na enciclopédia *Mãos de Ouro*. Na

primeira delas, a publicação traz uma receita para a execução de pegadores de panela de crochê na forma de gatos, conforme se vê na Figura 1.

**Figura 1** – Pegadores de panela em forma de gato



**FONTE**: MÃOS de Ouro, 1968, v. 3, p. 584-585.



Na imagem são apresentados um gato e duas gatas de crochê que possuem sua definição de gênero marcada pela presença de um acessório no pescoço: uma gravata borboleta preta para o macho e um laço vermelho para as fêmeas. Uma das gatas, que se encontra do lado direito da imagem, tem cor azul e porta o laço vermelho; ao lado esquerdo é apresentado o gato que é amarelo e também só possui como acessório a sua gravata; no centro da imagem está a segunda gata que é preta, possui o laço no pescoço e, além disso, veste um avental e um chapéu brancos típicos do uniforme das empregadas domésticas. Apesar da ausência de imagens humanas, os gatos construídos em crochê e representados na imagem portam símbolos que os distinguem por gênero, raça e classe social e podem ser assim compreendidos a partir das convenções sociais que permitem essa associação e a sua naturalização na imagem.

O segundo momento em que se nota a presença de uma mulher negra em *Mãos de Ouro* também não está vinculada a uma fotografia de mulher. Trata-se de uma receita para a construção de bonecas que vem acompanhada de um

texto cujo título é "*A boneca surprêsa*" (MÃOS de Ouro, 1968, v. 3, p. 678): "*A bonequinha é realmente muito marota, um verdadeiro brinquedo surprêsa que deixará as meninas encantadas, pois, com um simples passe de mágica, a meiga "Sinhazinha" se transformará na prestimosa "Babá".*".

**Figura 2** – Bonecas "sinhá e babá"



A boneca surprêsa

A bonequinha é realmente muito marota, um verdadeiro brinquedo surprêsa que deixará as meninas encantadas, pois, com um simples passe de mágica, a meiga "Sinhàzinha" se transformará na prestimosa "Babá".

*Material* - 50 cm de tecido de algodão xadrez azul, 50 cm de xadrez vermelho, 20 cm de tecido côr-de-rosa e 20 cm de marrom, 20 cm de algodãozinho branco, 1,50 cm de fita vermelha, 2 argolas douradas. Linhas para bordar, em várias côres. Linha ou lã grossa preta e amarela. Algodão ou espuma de nylon para enchimento.

*Corpo e braços* - Cortar o tecido xadrez vermelho 2 vêzes, de acôrdo com o molde n.º 1. Repetir esta explicação com o tecido xadrez azul. Costurar as duas partes do xadrez vermelho, deixando uma abertura para colocar o enchimento. Dêste modo estará pronto o corpo da Babá. Fazer o mesmo com o xadrez azul, para a Sinhàzinha.

*Rosto e cabeça* - De acôrdo com o molde n.º 2, cortar os vários tecidos da seguinte maneira: uma vez no tecido côr-de-rosa e uma no azul; uma no tecido marrom e uma no xadrez vermelho.

**FONTE**: MÃOS de Ouro, 1968, v. 3, p. 678.



Na imagem presente na Figura 2, encontra-se um banco de madeira no qual, em sua parte superior, está a "sinhazinha" que possui pele branca e veste uma touca e um vestido feitos em um mesmo tecido com xadrez miúdo azul

claro; em seu pescoço está um laço azul. Até a década de 1970 a cor azul claro, por refletir uma cor suave e celestial como o manto da Virgem Maria, era identificada como cor de menina e trazia em sua tonalidade pálida um sinal de pureza (HELLER, 2013). Na parte inferior do banco está a "babá", de cor de pele preta e com vestido, touca e laço semelhantes à da primeira boneca, porém em um xadrez miúdo vermelho. A boneca possui brinco dourado de argola, um avental branco por cima do vestido e na touca há uma diferença em relação à boneca da "sinhazinha" que consiste na aplicação de babado e de um laço, criando uma similaridade aos toucados das empregadas.

Na imagem descrita e apresentada, a posição por cima do banco, para a "sinhazinha", e por baixo do banco, para a "babá", é bastante significativa das posições sociais que cada personagem ocupa, a primeira percebida superiormente à outra. A característica "*meiga*" da primeira boneca, assim descrita pelo texto que acompanha a imagem, está integrada à cor de suas roupas. No caso da "babá", o tom vermelho que está mais ligado ao sangue, à terra e à paixão (HELLER, 2013) confere à boneca uma aproximação aos serviços braçais e evoca até mesmo certa sensualidade, o que se vê ainda no uso dos brincos e na representação dos lábios das duas bonecas: a "sinhazinha" possui um lábio constituído por uma linha fina e arqueada simulando um sorriso fechado e discreto enquanto a "babá" possui o desenho de um lábio mais carnudo e semiaberto no qual se pode ver a cor branca dos dentes. Em relação ao vínculo da "babá" com o adjetivo "*prestimosa*", é relevante pensar acerca da figura do "negro leal" que se construiu no Brasil até a década de 1970 e que esteve muito presente na obra de Gilberto Freyre. Para Schwarcz (2007) essa representação carrega a ideia de harmonia na qual as pessoas negras seriam agradecidas pelo trabalho servil. As bonecas, brinquedos que são utilizados na educação das meninas a fim de familiarizá-las com as noções de cuidado e maternidade (AREND, 2013) demarcam também reproduções estruturais predominantes que acabam por restringir às meninas a execução dos papéis sociais relacionados às atividades desempenhadas por mulheres, perpassando questões de raça e classe e delineando diferentes lugares para mulheres brancas e negras.

Apesar de a *Enciclopédia da Mulher*, em 1973, já trazer algum conteúdo sobre sexo, este assunto estava ainda mais circunscrito à instância do casamento. O corpo da mulher, até o momento, era abordado a partir dos tratamentos de beleza, da moda e da maternidade. A primeira publicação da Abril Cultural dedicada integralmente às questões referentes ao sexo foi a *Enciclopédia da Vida Sexual* em 1975. A partir daí mais cinco obras como essa foram publicadas até o ano de 1982 pela editora. Nas enciclopédias dessa categoria abundam imagens de casais, de mulheres e de homens nus e em posições sexuais e os temas são, geralmente, comentados de forma aberta.

A enciclopédia *Amar: a realidade da vida sexual* de 1977 foi a primeira a trazer longos artigos sobre temas como o feminismo, o aborto, a pornografia, a masturbação feminina e outros assuntos considerados tabu na época. *Amar* se destaca em relação às demais enciclopédias sobre sexo por apresentar discussões escritas por pesquisadores da área que, nos artigos, mobilizam diversos estudos científicos do período e que, na maior parte dos casos, caminham em direção oposta à moralidade e ao pensamento hegemônico acerca dos papéis dos homens e das mulheres. No artigo sobre feminismo, escrito pela antropóloga Teresa Caldeira e pelo editor Paschoal Miguel Forte (1977, v. 2), os autores partem da obra de Simone de Beauvoir para discutir acerca da construção dos papéis da mulher histórica e socialmente. Ainda, apontam para outras questões que atravessam as mulheres como as condições de classe social e afirmam que, a partir de privilégios de classe, a luta por direitos não é a mesma para todas as mulheres. Os autores identificam que os países socialistas foram os lugares nos quais as mulheres mais conquistaram direitos e citam Fidel Castro quando disse que o desenvolvimento econômico de um país depende de justiça em relação às mulheres.



As alterações na sociedade em relação à liberação sexual a partir do final da década de 1960 se fizeram notar na Editora Abril, tanto em enciclopédias como nas revistas. Essas publicações mantém relação com as visões de mundo do pai Victor Civita e dos filhos Richard e Roberto cuja educação foi realizada

nos Estados Unidos. A visão liberal pautada no capitalismo americano dos editores da Abril, em contraposição ao que se via no Brasil, era bem menos conservadora na área dos costumes. Apesar do apoio declarado da editora ao golpe militar, Roberto Civita, anos depois, afirmou que o apoio da família aos militares se deu em virtude da crença em uma ameaça comunista, mas que teriam se arrependido a partir das notícias de tortura e censura derivadas do Ato Institucional nº 5, o AI-5, de dezembro de 1968 (MARANHÃO, 2016).

Mesmo com a crença no liberalismo econômico e social, a Abril Cultural, em seus primeiros anos, assim como a revista *Claudia*, trataram as mulheres a partir de abordagens conservadoras. É preciso compreender que, antes de tudo, os Civita eram empreendedores e visavam o sucesso de sua empresa. Para isso, aproveitaram o projeto de modernização alavancado pelo regime militar para vender produtos culturais, bens que eram encarados como fundamentais para a participação no que seria uma cultura moderna. Ao passo em que a sociedade foi se abrindo para outras discussões e, mais que isso, tornou-se ávida para se "modernizar" também no aspecto dos costumes, a editora foi incorporando às suas publicações obras que tratassem dos assuntos desejados, como o sexo, e que garantiriam vendas.



Na enciclopédia *Vida Íntima*, de 1980, Victor Civita assina o seu prefácio em tom de celebração:

> É incontestável que o amor, em suas múltiplas formas e manifestações, constituí uma das principais forças que alimentam e movimentam a vida. Impulso físico mas também psicológico, envolve corpo e espírito, sentimentos e imaginação, instinto e mente. Fonte de procriação e de preservação da espécie, é igualmente prazer, emoção, jogo. [...] Hoje, atravessamos uma época de ampla discussão do tema do amor e do sexo. Vivemos uma verdadeira Revolução Sexual, que expõe o que antes era mantido na sombra [...]. Combatem-se tabus e equívocos [...]. Valores são revistos, preconceitos criticados e demolidos. E o corpo emerge revalorizado, o natural engrandecido como parte da Natureza (CIVITA, 1980, v. 1, p. 1).

A partir de artigos mais curtos que os vistos em *Amar*, *Vida Íntima* também aborda temas pouco discutidos pelos meios de comunicação da época. Diferente de *Amar* que traz uma abordagem, muitas vezes, mais antropológica, histórica e social, *Vida Íntima* focaliza os aspectos médicos e psicológicos dos temas

apresentados, o que muita vezes produz uma naturalização de certos aspectos ao recorrer à natureza para, de acordo com a enciclopédia, eliminar preconceitos. Em muitos casos, utilizam-se estudos científicos cujos resultados são apresentados sem grandes explicações, como o estudo que aponta uma maior predisposição da mulher que não se casa virgem à traição e que é apresentado sem indicar os meios utilizados para se chegar ao resultado (VIDA Íntima, 1980, v. 1, p. 15). Acerca da homossexualidade, a enciclopédia recorre à medicina e à psicologia para explicar o fenômeno que seria ou uma disfunção hormonal ou derivada de situações vividas na infância, nos dois casos apresentada como patologia (VIDA Íntima, 1980, v. 1, p. 37).

Um ano após a publicação de *Vida Íntima* a Abril Cultural produz, em 1981, o *Dicionário da Vida Sexual* que, assim como *Amar*, traz um verbete sobre o feminismo, mas com uma abordagem bastante diferente como indica o final do texto:



> Uma dificuldade a ser vencida nesse particular é a clarificação de como as atitudes do homem e da mulher, no relacionamento do casal, são determinadas ou influenciadas por características inerentes a cada sexo e em que medida tais características podem ajustar-se a exigências e conveniências sociais. Em outras palavras, a igualdade civil não suprime nem substitui a desigualdade filogenética entre homem e mulher.
> Para o bem ou para o mal, essa desigualdade é um fato da natureza e certamente sujeito a um limite de acomodação, seja a pretensões ideológicas, seja a um necessário aperfeiçoamento institucional. Com certeza há limites também para a experimentação social: nunca existiu, que se saiba, uma sociedade sem casamento e família, nem jamais houve matriarcado algum, exceto em fantasias místicas ou pseudocientíficas. O dilema feminista, hoje, está em reconhecer com realismo tais limites ou levar além deles temerárias expectativas (DICIONÁRIO da Vida Sexual, 1981, v. 1, p. 260-261).

A definição de feminismo pelo *Dicionário da Vida Sexual*, a partir da história e da biologia, deslegitima o movimento feminista quando utiliza os juízos "*fantasia mística*", "*pseudocientíficas*" e "*temerárias expectativas*". Ao mesmo tempo em que a enciclopédia busca abordar temas condizentes com os novos tempos, conforme se propõe, é necessário notar as temporalidades que engendram, naquele presente, horizontes de expectativa orientados pelos

campos de experiência. Dosse (2012, p. 6), indica que a singularidade da noção de História do Tempo Presente está na "*contemporaneidade do não contemporâneo*", ou seja, no "*presente do passado incorporado*". Nesse sentido, entende-se que, a partir de uma projeção de futuro compartilhada com a sociedade, a publicação chama o passado para o seu presente e busca orientar a visão dos seus leitores acerca de determinados assuntos.

Em outros momentos, como nas enciclopédias *Grandes Personagens da Nossa História* (1969) e *Nosso Século* (1980), Victor Civita assina prefácios em que se mostra desejoso de um futuro grandioso para o Brasil e que, para isso, a história, mestra da vida, seria fundamental. As questões relativas à liberdade feminina, no período de existência da Abril Cultural, estiveram em disputa e ainda estão. No final dos anos 1960 para o final da década seguinte o papel das mulheres das classes médias foi redesenhado de acordo com as novas necessidades sociais e também econômicas, visto que o trabalho das mulheres fora de casa se tornou essencial para a manutenção do capitalismo. No entanto, a experiência histórica que envolve a memória e a repetição (RICOEUR, 2007) consagra a sua presença nas projeções futuras como força que reitera a conservação de comportamentos femininos ainda que ressignificados em um presente cercado de novos elementos.



*Considerações finais*

As enciclopédias possuíram papel significativo no cenário da modernização brasileira por fazer circular no Brasil um tipo de modernidade que se vivia em países europeus e nos Estados Unidos, de modo que mesmo os conteúdos adaptados das enciclopédias italianas para as brasileiras conservaram as imagens, os modos de vida e os objetos de consumo presentes na centralidade do capitalismo. O sucesso de venda das enciclopédias e a sua abrangência em todo o território nacional tornaram muitas dessas publicações em referência para o uso por professores e alunos. Nesse sentido, os seus assuntos ganharam um aspecto de autoridade e, a partir disso, esses materiais se configuraram enquanto manuais que formalizaram, ainda que fora de um

ambiente escolar, as práticas não formais como aquelas que demarcaram e ainda demarcam os modos de ser mulher para mulheres em diferentes posições na sociedade.

Em um primeiro momento, as enciclopédias vincularam o conceito de moderno à mulher que vive em casa e que, dentro do seu lar, deveria produzir trabalhos manuais, de decoração e costura. Trata-se de uma concepção de modernidade ligada ao consumo de bens e, nesse ponto, percebe-se um compromisso da editora com a industrialização do país sem que, para isso, seja necessário repensar o papel da mulher na sociedade. Já quando a editora passa a abordar os temas relativos à liberdade da mulher, o campo da experiência histórica, portanto do passado, é relacionado ao presente da ciência para projetar um futuro no qual as mulheres desfrutam de direitos, porém sem ameaçar a posição do homem. Isso leva a editora a revestir o passado de características que compõem as concepções de modernidade, o que é sempre evocado por ela quando deseja legitimar suas ideias.



**Referências**

ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de; WEIS, Luiz. Carro-zero e pau-de-arara: o cotidiano da oposição de classe média ao regime militar. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org). **História da vida privada no Brasil 4**: contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Compainha das Letras, 2007.

ARAÚJO, Maria Fatima. Família, modernização capitalista e democracia: retomando alguns marcos do antigo debate sobre as transformações das famílias no Brasil. **Tempo e Argumento**. Florianópolis, v. 3, n. 1, p. 180-198, jan./jun. 2011.

AREND, Silvia Maria Fávero. Trabalho, escola e lazer. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013, p. 65-83.

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. **A embalagem do sistema**: a publicidade no capitalismo brasileiro. São Paulo: Edusp, 2015.

BELL, David; HOLLOWS, Joanne. Making sense of ordinary lifestyles. In: **Ordinary lifestyles**: Popular Media, Consumption and Taste. Nova York: Open University Press, 2005, p. 1-18.

BOM APETITE. São Paulo: Abril Cultural, 1968, v. 2.

BOURDIEU, Pierre. Gostos de classe e estilos de vida. In: ORTIZ, Renato (Org.). **A sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Olho d'água, 2003, p. 73-111.

CALDEIRA, Teresa; FORTE, Paschoal Miguel. Feminismo I e Feminismo II. In: AMAR: a realidade sobre a vida sexual, São Paulo: Abril Cultural, 1977, v. 2, p. 589-620.

CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Gênero e Artefato**: o sistema doméstico na perspectiva da cultura material – São Paulo. 1870 - 1920. São Paulo: Edusp/ Fapesp, 2008.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1998.

CIVITA, Victor. Apresentação. **Enciclopédia da Mulher**, São Paulo: Abril Cultural, 1973, v. 1.

_____. Apresentação. **Mãos de Ouro**, São Paulo: Abril Cultural, 1967, v. 1.

_____. Apresentação. **Vida Íntima**, São Paulo: Abril Cultural, 1980, v. 1.



DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. **O mundo dos bens**: Para uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

ENCICLOPÉDIA DA MULHER. São Paulo: Abril Cultural, 1973, v. 2.

FICO, Carlos. Ditadura militar brasileira: aproximações teóricas e historiográficas. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 9, n. 20, p. 05-74, jan./abr. 2017.

FRASQUETE, Débora Russi; SIMILI, Ivana Guilherme. A moda e as mulheres: as práticas de costura e o trabalho feminino no Brasil nos anos 1950 e 1960. **História da Educação**. Porto Alegre, v. 21, n. 53, p. 264-283, set./dez. 2017.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio**: Avaliação e Políticas Públicas em Educação. Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

HEYNEN, Hilde. Modernity and domesticity. Tensions and contradictions. **Sophia Colloquium**, Bruxelas, p. 101-113, 2005.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Lisboa: Edições 70, 2007.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**: Estudos sobre História. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

MALERONKA, Wanda. **Fazer roupa virou moda**: um figurino de ocupação da mulher (São Paulo 1920-1950). São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.

MÃOS DE OURO. São Paulo: Abril Cultural, 1968, v. 3.

MARANHÃO, Carlos. **Roberto Civita**: o dono da banca. A vida e as ideias do editor da *Veja* e da Abril. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

MIRA, Maria Celeste. **O leitor e a banca de revistas**: a segmentação da cultura no século XX. São Paulo: Olho d'água, FAPESP, 2001.

MOTTA, Rodrigo Pato Sá. Cultura política e ditadura: um debate teórico e historiográfico. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 109-137, jan./mar. 2018.

NOGUEIRA, Wesley Augusto. **À venda em todas as banca**s: relação entre produção e circulação de livros colecionáveis comercializados pela Editora Abril na década de 1970. 2018. 262 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**: Cultura brasileira e indústria cultural. São Paulo: Brasiliense, 1991.

PEREIRA, Mateus Henrique de Faria. A trajetória da Abril Cultural (1968-1982). **Em Questão**. Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 239-258, jul./dez. 2005.



PINSKY, Carla Bassanezi. Mulheres dos Anos Dourados. In: PRIORE, Mary Del (Org.); PINSKY, Carla Bassanezi (Coord. de textos). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2018, p. 605-639.

RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: PRIORE, Mary Del (Org.); PINSKY, Carla Bassanezi (Coord. de textos). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2018, p. 578-606.

REVEL, Jacques. Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, v. 15, n. 45, p.169-210, set./dez. 2010.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007.

SALATA, André Ricardo. Quem é a classe média no Brasil? Um estudo sobre identidades de classe. **Dados** – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v. 58, n. 1, pp. 111-149, jan./mar. 2015.

SANTOS, Márcia Regina dos. **Entre prescrições e sentidos**: narrativas sobre comportamentos para mulheres em manuais de etiqueta no tempo presente. 2019. 312 f. Tese (Doutorado em História) – Centro de Ciências Humanas, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org). **História da vida**

**privada no Brasil 4**: contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 173-244.

SILVA, Elizabeth Bortolaia. Tecnologia e vida doméstica nos lares. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 10, p. 21-52, 1998.

TRABALHOS MARAVILHOSOS. São Paulo: Abril Cultural, 1968, v. 1.

TRABALHOS MARAVILHOSOS. São Paulo: Abril Cultural, 1968, v. 2.

VIDA ÍNTIMA. São Paulo: Abril Cultural, 1980, v. 1.

ZUIN, Antônio Álvaro Soares. Sobre a atualidade do conceito de indústria cultural. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 21, n. 54, p. 9-18, ago. 2001.